

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

RONALDO ALVES DA SILVA

USO E FORTALECIMENTO DA LINGUA INDÍGENA GUARANI:
A DIFÍCIL MISSÃO DE REVITALIZAR A LÍNGUA MATERNA NAS
COMUNIDADES DO NORTE DO PARANÁ

MARINGÁ

2017

RONALDO ALVES DA SILVA

USO E FORTALECIMENTO DA LINGUA INDÍGENA GUARANI:
A DIFÍCIL MISSÃO DE REVITALIZAR A LÍNGUA MATERNA NAS
COMUNIDADES DO NORTE DO PARANÁ

Monografia apresentada como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá. Orientado pela Prof^a Dr^a Rosangela Célia Faustino.

MARINGÁ

2017

RONALDO ALVES DA SILVA

USO E FORTALECIMENTO DA LINGUA INDÍGENA GUARANI:
A difícil missão de revitalizar a língua materna nas comunidades do norte do
Paraná

BANCA EXAMINADORA

ROSANGELA CELIA FAUSTINO

Professora DTP/CCH-UEM/PR

JEFFERSON GABRIEL DOMINGUES

Prof. Escola Indígena Yvy Porã – T.I. Pinhalzinho/PR

LAÍRES LOURENÇO

Prof^ª. Escola Indígena Yvy Porã – T.I. Pinhalzinho/PR

SILVA, Ronaldo Alves da. **USO E FORTALECIMENTO DA LINGUA INDÍGENA GUARANI: A DIFÍCIL MISSÃO DE REVITALIZAR A LÍNGUA MATERNA NAS COMUNIDADES DO NORTE DO PARANÁ.** Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Curso de Pedagogia. Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Dr^a Rosângela Célia Faustino

RESUMO

Nas terras indígenas Guarani do norte do Paraná, a língua indígena é pouco falada. Apenas os mais velhos a dominam e são falantes. Com as perdas de grande parte dos territórios tradicionais houve desagregação, preconceito, poucas oportunidades de praticar a cultura; agravados pela ocupação das terras indígenas por não-indígenas, após a demarcação de pequenas áreas. Com o desmatamento, a ausência de terra para todos plantarem suas roças tradicionais, com rios poluídos e outros fatores que afetaram as formas tradicionais de vida indígena, os guarani tiveram que procurar trabalho fora das comunidades, acarretando o enfraquecimento do uso da língua e de algumas tradições. Os mais velhos contam que deixaram de ensinar seus filhos, pelo motivo das perseguições que sofriam por falar a língua e praticar a cultura indígena. Tentaram ensinar seus filhos o mais próximo possível do modo de vida dos não índios, pois queriam evitar que também passassem por humilhações e situações de preconceito, podendo até correr risco de vida. Porém, mesmo diante desta situação, os Guarani não esqueceram sua cultura e sua língua, e lutaram para continuarem sendo reconhecidos e respeitados como indígenas. Atualmente, com uma legislação favorável à diversidade, é possível o uso da língua sem que se tenha medo de se reconhecer como indígena. Esta pesquisa investigou a questão sobre a revitalização da língua indígena guarani em algumas comunidades no norte do Paraná, buscando compreender o processo que levou ao enfraquecimento e por que essa língua quase acabou em algumas aldeias, mesmo com anos e anos de tentativas de resgatá-la e retransformá-la em primeira língua. O trabalho foi feito com base em estudos bibliográficos; estudo da atual política educacional voltada aos povos indígenas; pesquisa de campo com observações, entrevistas e conversas com os mais velhos e com professores guarani. Foram feitas algumas visitas a aldeias no norte do Paraná e outras regiões com participação em eventos acadêmicos que ocorrerem no período da pesquisa, buscando compreender como esta questão está sendo discutida e encaminhada pelos indígenas e por pesquisadores. Os resultados mostram que há diferentes situações linguísticas entre os guarani. Há terras em que há o uso frequente da língua devido à forma como ocorreu e ocorrem as lutas indígenas pela manutenção dos territórios e da cultura; e que, na região norte, vários cursos já foram feitos para reinserir a língua entre os guarani Nhandewa, porém falta maior apoio do poder público, falta a presença de mais *txamõi* e *djarái*, que são os sábios; falta continuidade nas ações e avaliação das comunidades.

Palavras-chave: Língua Indígena Guarani; Revitalização; Terras Indígenas Norte do Paraná. Educação Escolar Indígena

SILVA, Ronaldo Alves da. **USE AND STRENGTHENING OF GUARANI INDIGENOUS LANGUAGE: THE DIFFICULT MISSION TO REVITALIZE THE FIRST LANGUAGE IN THE NORTH OF PARANÁ COMMUNITIES.** Course Completion Work - CBT. Course of Pedagogy. State University of Maringá. Advisor: Ph.D. Rosangela Celia Faustino

ABSTRACT

In the Guarani indigenous lands of northern Paraná, the indigenous language is little spoken. Only the elders dominate it and are real speakers. With the losses of most of the traditional territories there was disintegration, prejudice, few opportunities to practice culture; aggravated by the occupation of indigenous lands by non-Indigenous, after the demarcation of small areas. With deforestation, lack of land for all to plant their traditional crops, polluted rivers and other factors that affected the traditional forms of indigenous life, the Guarani had to look for work outside the communities, causing the weakening of the language use and some traditions. The elders say that they stopped teaching their children because of the persecutions they suffered for speaking the language and practicing indigenous culture. They tried to teach their children to live as close as possible to the way of life of non-Indigenous, because they wanted to avoid that the children also went through humiliations and situations of prejudice, which could even be life-threatening. However, even facing this situation, the Guarani did not forget their culture and their language, and fought to continue being recognized and respected as indigenous. Nowadays, with legislation in favor of diversity, it is possible for them to use the language without being afraid to recognize themselves as indigenous. This research investigated the matter of the revitalization of the Guarani indigenous language in some communities in the north of Paraná, seeking to understand the process that led to the weakening and why this language almost ended in some villages, even with years and years of attempts to rescue it and retransform it into the first language. The work was done based on bibliographical studies; studies of the current educational policy focused on indigenous peoples; field research with observations, interviews and conversations with the elders and Guarani teachers. Some visits were made to villages in the north of Paraná and other regions with participation in academic events that occurred during the period of the research, trying to understand how this issue is being discussed and dealt with by the indigenous people and by researchers. The results show that there are different linguistic situations among the Guarani. There are lands in which there is frequent use of the language due to the way in which indigenous struggles took place and the maintenance of territories and culture takes place; and that, in the northern region, several courses have already been done to reinsert the language among the Guarani Nhandewa, but there is a lack of support from the public authorities, there is a lack of presence from more txamõi and djarái, who are the wise; lack of continuity in actions and evaluation of communities.

Keywords: Guarani Indigenous Language; Revitalization; Indigenous Lands in the North of Paraná. Indigenous School Education

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Nhanderú (nosso pai), a quem sempre que as dificuldades apareciam eu me apegava para pedir forças e que até hoje está sempre junto de mim em cada caída e a cada vitória.

Aos caciques, lideranças, txamõi e demais guerreiros indígenas, alguns que já faleceram e outros lutam até hoje, e que por meio dessas lutas tornaram possível a entrada dos indígenas nas universidades do Paraná.

A minha família que sempre acreditaram em minhas vitórias, irmãos, primos, tios, sogros, principalmente a minha mãe Mariza e o meu pai Júlio que pelo tempo em que morei junto a eles, sempre foram meus pilares e incentivadores do meu estudo, sempre privilegiaram meus estudos e dos meus irmãos e até hoje se preocupam como estou na faculdade.

Agradeço minha esposa Adriane e minha filha Nathielly, que sempre estiveram ao meu lado nos momentos bons e ruins, sempre me dando a maior força e me incentivando a seguir em frente.

A minha orientadora Rosangela Celia Faustino, que sempre esteve disposta a me ajudar e a me orientar durante o trabalho, mostrando total interesse e sempre muita dedicação com minha pesquisa, também por ser uma grande incentivadora com relação a área de pesquisas e estudos, na qual obtive muito aprendizagem e conhecimentos.

Pela disposição dos professores indígenas no diálogo sobre as questões da língua nas escolas e comunidades indígenas guarani do norte do Paraná, e também ao Txamõi da Terra Indígena Pinhalzinho que deu muitas informações sobre seu ponto de vista com relação a língua indígena guarani.

Aos membros da Banca Examinadora, professores Jefferson Gabriel Domingues e professora Laíres Lourenço, que junto com uma equipe de professores índios e não-índios e funcionários do setor administrativo da Escola Indígena Ywy Porã na T.I. Pinhalzinho, não medem esforços para construir uma escola intercultural, bilíngue e de qualidade.

Aos professores do curso de Pedagogia da UEM que sempre estiveram preocupados em formar pessoas que possam assumir os locais de trabalho com total capacidade para que possam fazer um trabalho digno e bem feito.

A Associação Indigenista de Maringá (Assindi), com a direção da presidenta D. Darcy Dias e demais funcionários, que por meio de sua ajuda também teve um papel fundamental na minha jornada de acadêmico.

À Comissão Universidade para os Índios (CUIA) da UEM, especialmente à professora Isabel Cristina Rodrigues pelo acompanhamento e apoio no decorrer da nossa formação.

Aos colegas que trabalham e frequentam o Laboratório de Arqueologia Etnologia e Etno-história (LAEE/UEM), que sempre estiveram dispostos a me ajudar quando eu os procurava.

Agradeço também a minha colega Rita de Cássia, uma pessoa muito dedicada que me ajudou muito durante o meu curso.

Também aos meus colegas indígenas acadêmicos de vários cursos da Universidade Estadual de Maringá, que juntos dávamos força uns para os outros.

SUMÁRIO

RESUMO.....	04
ABSTRACT.....	05
AGRADECIMENTOS.....	06
1. INTRODUÇÃO.....	09
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
3. METODOLOGIA.....	14
4. A luta das comunidades pela revitalização sociocultural e linguística.....	16
5. A necessidade de valorização e revitalização das línguas indígenas.....	22
6. As comunidades indígenas Guarani do norte do Paraná.....	26
7. A educação escolar indígena guarani e seus projetos interculturais.....	28
8. A religião guarani e a língua materna: a <i>Oy Guatsu</i> , (casa de reza) como espaço de Aprendizagem .	38
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
10.REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

Sou indígena Guarani, nascido na aldeia Laranjinha, norte do Paraná. Sou estudante do 4º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá e participei de projetos específicos que atuam com as questões de língua, conhecimentos, identidades e educação indígena no Paraná, como por exemplo, o PIBID – Diversidade, realizado pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), na área da Pedagogia.

Quando passei no Vestibular dos Povos Indígenas do Paraná, mudei para a cidade de Maringá e fui morar no Centro Cultural Indígena, mantido pela ASSINDI – Associação Indigenista de Maringá, onde tive a oportunidade de participar e desenvolver diversos trabalhos, ações e vivências envolvendo questões da cultura indígena.

Reconhecendo que as populações indígenas vêm sofrendo discriminação ao ouvir que não são mais índios por usarem tecnologias, fazerem compras em mercado, estudar em universidades, usar roupas, telefone celular e até mesmo não saber falar a língua indígena; são necessários estudos que discutam essas questões.

Nas terras indígenas Guarani do norte do Paraná, a língua indígena é muito pouco falada, apenas os mais velhos a conhecem com profundidade e são falantes. Pela história da ocupação dos territórios indígenas, houve mudanças bruscas na vida indígena e o enfraquecimento do uso da língua e de algumas tradições.

A redução populacional causada pela invasão dos territórios indígenas na região norte levou a casamentos inter-étnicos e as famílias, neste caso, passaram a usar a língua portuguesa. Os mais velhos contam que deixaram de ensinar seus filhos por motivos de perseguições e preconceitos que eles sofriam por falar a língua. Dessa forma tentaram instruir as novas gerações, permitindo que se aproximassem o mais próximo possível do modo de vida dos não índios, pois queriam evitar que seus filhos também passassem por situações de preconceito e humilhação, podendo até correr risco de vida como narram em suas histórias de vida na região.

Porém, as comunidades são conscientes de que a língua indígena é muito importante e que não pode ser esquecida pois faz parte da identidade guarani e,

reaprendê-la tem sido um grande desafio. Nas escolas a língua indígena consta nos currículos e há uma tentativa constante de revitalização da língua.

As lideranças, as famílias e os gestores das escolas indígenas reconhecem a importância da língua para o fortalecimento da comunidade. Os professores indígenas, falantes da língua guarani, elaboram e realizam, constantemente, com apoio de lideranças e gestores, projetos e cursos para ensino da linguagem, entretanto, ainda não se conseguiu uma aprendizagem entre todos da comunidade, de maneira satisfatória.

Esta pesquisa pretendeu investigar a questão e responder ao problema apresentado quanto à revitalização da língua indígena guarani em algumas comunidades no norte do Paraná, buscando compreender o processo que levou ao enfraquecimento e o por que essa língua quase acabou em algumas aldeias, mesmo com anos e anos de tentativas de resgatá-la e retransformá-la em primeira língua.

Por meio de pesquisa qualitativa que contou com estudos teóricos da bibliografia sobre o tema, estudos dos documentos das políticas educacionais e linguísticas e pesquisa de campo, buscou-se a compreensão, discussão e análise do tema com o objetivo de contribuir com a reflexão e o trabalho feito pelas lideranças, comunidades e professores indígenas nas Terras Indígenas guarani do norte do Paraná.

Neste trabalho analisamos a situação do uso da língua materna indígena guarani nas TI São Jeronimo, localizada no município de São Jeronimo da Serra, contendo uma população de mais ou menos 700 indígenas, TI Pinhalzinho localizada no município de Tomazina, com uma população de mais ou menos 250 indígenas, TI Laranjinha, possui uma população de aproximadamente 300 indígenas e Posto Velho localizado no município de Abatiá com uma população de cerca de 160 indígenas guarani.

Estas Terras estão envolvidas em situações de ocupação dos territórios por fazendeiros ruralistas que, desde muito tempo, avançam sobre áreas indígenas. Muitas vezes ameaçam e expulsam (caso que ocorreu quando expulsaram toda a comunidade do Posto Velho que resiste e luta pela demarcação da terra).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os estudos mostram que a situação de enfraquecimento ou perda das línguas indígenas não ocorre apenas com o povo Guarani do norte do Paraná. Ocorreu e ocorre com vários povos indígenas no Brasil.

O linguista Marcus Maia (2006) relata que, ao viajar pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), para uma Terra Indígena Karajá e, tendo estudado a língua indígena daquele povo, ao chegar e ser recebido por crianças indígenas, com alegria, fez uma saudação na língua Karajá e as crianças se espantaram correndo para junto de seus familiares. Um pouco depois, um menino Karajá lhe explicou que: “Na cidade, a gente diz que nem sabe de índio, que nem fala o idioma, senão o povo mexe com a gente”. (MAIA, 2006, p.17).

Para o autor “O preconceito de que os indígenas brasileiros são alvo por parte de muitos brasileiros não indígenas é, sem dúvida, um dos fatores responsáveis pelo desprestígio, enfraquecimento e desaparecimento de muitas línguas indígenas no Brasil” (MAIA, 2006, p.17)

Com essa pesquisa pretendo responder quais os motivos que levaram e levam à perda de quase toda a língua guarani do norte do Paraná, desde o início da colonização, com o contato com o não índio e o modo de educação imposto a nós indígenas.

Para Maia (2006a, p. 62)

A globalização dos valores econômicos, sociais e culturais, impulsionada pelo desenvolvimento tecnológico, acaba por impor um nivelamento ou absorção das populações minoritárias periféricas pelos grupos majoritários hegemônicos. Nessas circunstâncias, a grande maioria das línguas faladas atualmente no mundo está, de fato, ameaçada de extinção.

Segundo Buratto (2004) “... do século XVI até, praticamente, a metade do século XX, a oferta de programa de educação escolar as comunidades indígenas esteve pautada pela catequização e integração forçada dos índios a sociedade nacional”. Outros estudos também mostram como as leis e políticas brasileiras foram contrárias ao uso das línguas nativas pelos povos indígenas:

De acordo com dados de diferentes instituições (ISA, 2004; IBGE, 2005) demonstram que atualmente existem no Brasil mais

de 220 povos indígenas somando uma população autodeclarada de aproximadamente 730 mil índios falantes de cerca de 180 línguas diferentes, estes números, embora imprecisos devido às dificuldades de recenseamento com populações que se movimentam em seus territórios, tem uma importância real na medida em que se observa que, desde o processo de colonização do Brasil, escravidão e catequese até a ocupação recente dos territórios brasileiros, os indígenas sofrem grandes extermínios populacionais e culturais. (FAUSTINO, 2011, p.188)

Esse número ainda é pouco, se formos pensar no início da colonização, na qual a população indígena era muito maior do que tem hoje no Brasil. BURATO (2004), diz que “quando os portugueses aqui chegaram, a população nativa do Brasil era de mais de 6 milhões de indivíduos, falando aproximadamente, 1300 línguas”.

Hoje com o processo de revitalização da língua indígena nas comunidades do norte do Paraná, há uma luta pela hegemonia dessa língua, para que não seja perdida para sempre, mais para que isso aconteça é necessário um envolvimento de toda a comunidade de cada terra indígena. Monserrat (2006) fala que:

Para elevação do status cultural das sociedades indígenas e de suas línguas, uma série de medidas podem ser sugeridas, como a divulgação na mídia falada e escrita (rádio, jornais, e outros periódicos, televisão, cinema, exposição, eventos públicos), da música, língua e outras manifestações culturais e artística indígena; ou a publicações de materiais escritos em língua indígena expressando opiniões e posicionamento da comunidade em relação a assunto da mais variada natureza. (MONSERRAT,2006, p.149)

A comunidade indígena ao ter uma ideia que pode dar certo para o bem de todos, eles se organizam para colocar em prática; passando por altos e baixos mais encaram esse desafio até tentar conseguir melhoria, isso acontece muito forte na área da educação indígena, onde buscam alternativas para que os alunos, crianças e jovens indígenas tenham um melhor aprendizado, seja nos conteúdos abordando as questões indígenas ou nos conteúdos escolares universais estudados também pelos não índios.

É precisamente essa racionalidade o que mais foi negado aos povos indígenas. Contudo, nela está a contribuição mais

significativa e descoberta feita pela sociedade ocidental e nacional para oferecer aos povos indígenas, muito pelo contrário: é o que os povos indígenas podem ainda oferecer à sociedade nacional. Assim, não há um problema de educação indígena, há sim uma solução indígena ao problema da educação. (MELIÁ, 1999, p.16)

Ocorreu e ainda está havendo a perda acelerada da língua guarani em algumas Terras Indígenas gerando a necessidade de estudos sobre a situação de sua revitalização nas comunidades guarani do norte do Paraná, para compreender e analisar a difícil missão de resgatar a língua materna indígena.

Para que haja a possibilidade de manutenção e pujança da língua indígena oral, nas condições atuais em que vivem as populações indígenas, é imprescindível que exista o desejo, a determinação e o esforço consciente das gerações indígenas adultas de continuar utilizando-as na vida cotidiana, transmitindo as gerações mais novas, e utilizando-as também na escola. (MONSERRAT,2006, p. 147).

Sobre o que está pesquisadora, Monserrat (2006) fala é muito semelhante ao que os professores indígenas guarani abordam, ou seja, que são necessárias as famílias terem o interesse e a vontade de ensinar os filhos desde pequenos.

3. METODOLOGIA

A pesquisa contou com levantamento bibliográfico, para conhecer outros trabalhos que falam do mesmo tema escolhido. Cada trabalho (texto, livro, documento da política educacional), levantado, foi selecionado e discutido com a orientadora e, em seguida, feito a leitura e síntese.

Em seguida, foi elaborada uma lista de perguntas a serem feitas com os professores de língua indígena de quatro escolas indígenas – sendo elas: Escola Estadual Indígena Cacique Tudja Nhanderú (TI – Laranjinha); Escola Estadual Indígena Yvy Porã (TI Pinhalzinho); Colégio Estadual Indígena Cacique Kofej (TI São Jerônimo); Escola Estadual Indígena Nimboeaty Mborowitxa Awa Tirope (TI Yvy Porã/Posto Velho), constituindo um questionário a ser aplicado com professores indígenas em atuação, a fim de identificar o problema do enfraquecimento da língua guarani pela comunidade e a não aprendizagem eficaz desta língua nos dias de hoje.

As perguntas feitas aos professores tiveram como objetivo identificar qual a maior dificuldade em dar aulas de língua nas escolas indígenas, qual a participação das famílias, se há materiais didáticos, etc. São perguntas que abordaram as lutas, os trabalhos e as dificuldades, as conquistas e outros elementos sobre a revitalização da língua indígena nas aldeias guarani do norte do Paraná.

Devido ao pouco tempo para se desenvolver um TCC conversei com o máximo de professores e sábios possível mas ainda há muito o que se fazer e investigar sobre isso, na medida em que for possível a ampliação da pesquisa em outros momentos de estudo.

Aqueles que pude visitar e concordaram em responder às perguntas, anotei as respostas e transcrevi, conforme a autorização de cada entrevistado, para uma melhor compreensão da questão.

Com o pouco tempo desta pesquisa (TCC) que é feita concomitante às aulas de graduação, sem apoio e sem liberação para viagens, tive que priorizar alguns professores indígenas que atuam nas escolas guarani, alguns mais velhos e o *txamõi* da região sendo que as entrevistas foram feitas em períodos de férias para não perder aulas na UEM.

Também foram estudadas as legislações que estabelecem direitos linguísticos aos indígenas e, participamos de alguns eventos como o Vestibular dos Povos Indígenas no Paraná (com prova oral e de língua), de Encontro e Oficinas de formação de professores do Programa Saberes Indígenas na Escola no Paraná, reuniões da CUIA – Comissão Universidade para os Índios UEM, eventos acadêmicos científicos como o CONALI – Congresso Nacional de Línguas, realizado pelo Departamento de Letras da UEM que ocorrerem no período da pesquisa, buscando compreender como esta questão está sendo discutida pelos indígenas, por pesquisadores e estudiosos do tema.

4. A luta das comunidades pela revitalização sociocultural e linguística

São várias as questões que interferem na manutenção, uso e fortalecimento das línguas e das culturas indígenas. Muitas ações e leis existiram no Brasil que buscaram enfraquecer o uso das línguas indígenas. O Diretório do Índios, do século XVIII, editado em 1757, por Marques de Pombal, proibiu o uso das línguas indígenas e exigiu que o ensino ministrado aos indígenas fosse em língua portuguesa, impondo, por meio desta, os costumes não indígenas.

Com resistência, organização e luta, atualmente, há uma legislação que reconhece os direitos dos povos indígenas, tanto direitos territoriais como culturais, linguísticos e educacionais.

O Estatuto do Índio, em 1973, Lei 6.001 garantiu, em seu Art. 49 que “*A alfabetização dos índios far-se-á na língua do grupo a que pertençam, e em português, salvaguardado o uso da primeira.*”

A Constituição de 1988, em seu Art. 210, § 2º garantiu que “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.”

Mesmo com estas leis as línguas indígenas são pouco valorizadas pela sociedade brasileira. Quase não se vê, em lugar nenhum a escrita e a valorização destas línguas. Todos os documentos mais importantes como a Constituição, as leis, as diretrizes e referenciais são escritos em língua portuguesa e a população, de forma geral, pouco ou nada sabe sobre o fato de que no Brasil existem mais de 180 línguas indígenas diferenciadas.

Nas mídias não se vê estas línguas serem usadas em jornais, noticiários, filmes, desenhos ou novelas. As músicas que tocam nos rádios, na tv e em vídeos são em língua portuguesa ou língua inglesa e nenhuma valorização ou reconhecimento se dá às línguas dos povos indígenas que são as populações nativas do Brasil e que tem seus direitos milenares sobre os territórios tradicionais.

Os guarani quando foram restritos em pequenas áreas, com a natureza devastada, sem terra em abundância para plantar e praticar os saberes

ancestrais, correm o risco de perder conhecimento ancestrais e as condições de sobrevivência e junto com isso, o uso da língua materna.

Nas comunidades Guarani do norte do Paraná apenas alguns mais velhos são falantes da língua guarani, nossa língua materna.

Vendo tudo isso, os jovens indígenas, muitas vezes, mostram-se desmotivados em aprender a língua materna mesmo com todo o esforço feito pelos professores guarani.

A língua indígena guarani se enfraqueceu na região norte do Paraná porque esse povo sofreu muito em decorrência da colonização, uma vez que nossos antepassados foram perseguidos e oprimidos por falarem seu idioma, e pela necessidade de estarem sendo inseridos na cultura não indígena, já que, com a perseguição, redução das terras, a natureza que antes lhes dava tudo o que precisavam, foi sendo atacada e hoje se encontra destruída, com rios poluídos, florestas devastadas e solo enfraquecido.

Com muita luta, os indígenas conseguiram a demarcação de algumas áreas, porém as extensões das áreas não são suficientes para o sustento de todos e os jovens buscam empregos fora da aldeia para sobreviver.

As lideranças estão sempre buscando uma valorização e revitalização linguística e cultural. Os professores indígenas que ministram cursos na língua guarani para as comunidades se esforçam mas nem sempre tem sucesso, isso faz com que cada vez mais, ocorre o risco do enfraquecimento da língua, e a mesma não ser mais falada na comunidade.

O fato de estar em áreas restritas, sem condições de reprodução da vida e cultura tradicional afeta o uso da língua e esta começa a enfraquecer.

Antigamente os alimentos utilizados pelos indígenas, tanto para sua subsistência do dia-dia quanto para seus rituais e tratamentos de saúde, eram retirados da natureza. Hoje em dia se fôssemos depender da natureza para sobreviver, morreríamos de fome.

Podemos observar a falta desses alimentos, em um projeto desenvolvido pela Universidade Estadual de Maringá, com o objetivo da revitalização cultural dos guarani do norte do Paraná, pois FAUSTINO (2012, p.254) relata que:

O projeto apoiou o deslocamento dos txamõi para o Pinhalzinho. O grupo solicitou ainda ajuda para adquirir três litros de mel, três quilos de canjica, duas sacas de milho verde e quatro quilos de

peixe (cascudo ou bagre). Os alimentos tiveram de ser comprados, pois as TIs não conseguem mais produzi-los ou extraí-los, por causa da devastação do solo, do desmatamento e da poluição dos rios. O cacique explicou que antigamente, quando ia acontecer o Nimomgarai os parentes traziam alimentos. O mel era retirado pelos rapazes. Segundo as lideranças e professores indígenas, a falta desses alimentos sagrados e a dificuldade de adquiri-los é um dos motivos que dificultam a realização do Nimongarai na TIs.

Não tendo mais a forma de subsistência tradicional, os indígenas foram forçados a buscar novas alternativas de vida fora das terras indígenas, como empregos nas cidades e fazendas vizinhas, tendo pouco tempo para convívio familiar e deixando de repassar às crianças os conhecimentos sobre a língua e a cultura.

Em algumas aldeias na região norte não se vê mais um diálogo entre guaranis falando na língua nativa, portanto esta é ensinada na escola, ou falada em cerimônias religiosas tradicionais que ocorrem na *Oy Guatsu* casa de reza, ou casa grande.

Apenas os mais velhos e professores indígenas falam, nas suas casas, na língua materna. De acordo com MONSERRAT (2006, p.148) “É preciso promover a educação bilíngue entre as famílias indígenas e os professores”.

Muitos indígenas se sentem desqualificados quando escutam, de pessoas desinformadas sobre a História do Brasil e os povos indígenas, que eles não são índios porque não sabem falar o idioma, isso pode fazer com que nós indígenas nos sintamos envergonhados de sermos índios e não falar nossa língua. Antigamente as pessoas, com atitudes preconceituosas faziam os índios se sentirem envergonhados por não saberem falar a língua portuguesa, atualmente querem fazer os indígenas se sentirem envergonhados por não saberem falar a língua indígena, ou seja, muitas pessoas da sociedade envolvente estão sempre buscando discriminar e humilhar os povos indígenas com atitudes preconceituosas.

Um dos sinais da identidade do indígena é a língua nativa (original), e/ou a parcialidade falada em cada terra indígena; por isso entendemos ser necessário que haja a continuidade da língua nas comunidades.

Há os direitos indígenas, a nós garantidos em leis como a Constituição Brasileira, de nos incluirmos no mundo dos não índios, de sermos cidadãos,

tanto falando nossa língua como estudando nas escolas e universidades; e também nós sentimos necessidades de estar na cidade e em outros locais na sociedade brasileira, pois a forma de vida que levávamos tradicionalmente não é mais totalmente viável hoje em dia pela escassez de recursos oriundos da natureza. Há o uso de agrotóxicos nas fazendas vizinhas que continuam poluindo os rios, as matas e o solo nas áreas habitadas pelos guarani.

Contudo, mesmo diante desta situação tão difícil, as tradições ainda permanecem presentes nas aldeias indígenas e são praticadas por muitos: os cânticos sagrados, as rezas, as danças, as comidas tradicionais dos indígenas, os jogos próprios de cada povo, cada cultura, aulas de línguas indígenas com os próprios professores das terras indígenas, projetos com parceiros que tentam apoiar o desenvolvimento dos indígenas com a manutenção das culturas e línguas indígenas, o cuidado com a terra e com a natureza.

Os professores indígenas sempre se colocam a disposição para participarem de formações promovidas pelo estado, por instituições de ensino superior e outros parceiros produzindo e registrando conhecimentos sociolinguísticos e produzindo materiais didáticos escritos na língua guarani para serem usados com as crianças e jovens nas escolas.

Nós, os universitários indígenas buscamos contribuir com nossas comunidades ingressando em uma instituição de ensino superior para assim podermos potencializar nossos conhecimentos, melhorar nosso acesso a informações e acessar outros saberes científicos para agregarmos com as ciências indígenas desenvolvidas por nossos ancestrais. Os universitários indígenas, quando retornam às comunidades indígenas, tem a função e ajudar as lideranças naquilo que as comunidades decidem sobre como melhorar a vida nas aldeias.

Na universidade buscamos novas informações, para contribuir com as lutas pela demarcação as terras e revitalização da língua e culturas indígenas.

No Paraná não existe ainda uma licenciatura intercultural, e, por isso estamos fazendo cursos que não abordam os conteúdos dos saberes indígenas.

Com a participação em projetos específicos podemos aprender, ensinar e contribuir mais com o fortalecimento de nossa língua e cultura. Além da formação adquirida no curso superior que realizamos, participamos de eventos nos quais

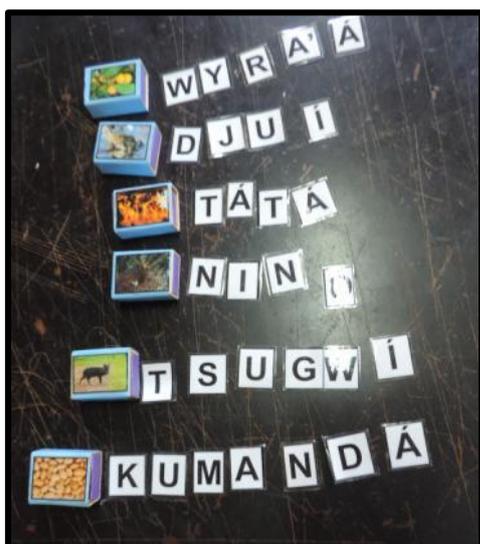
apresentamos conteúdos e defendemos aqui fora, nossas línguas e culturas e também ajudamos, nos projetos, na produção de materiais didáticos bilíngues.



Participação de universitários indígenas da UEM em grupo de estudos. Acervo PIBID – Diversidade. 2015



Práticas pedagógicas desenvolvidas nas terras indígenas com temas sobre cultura e língua guarani. PIBID – Diversidade 2016



Preparação de materiais didáticos para as práticas pedagógicas. Observatório da Educação Escolar Indígena no Paraná e Saberes Indígenas na Escola. Projetos UEM-PR



Universitários indígenas da UEM realizando curso de formação sobre história e cultura indígena no Paraná, com o professor Lucio Tadeu Mota. Acervo PIBID – Diversidade. 2016

Há várias políticas educacionais que possibilitam o estudo das línguas indígenas nas escolas das aldeias. O que está faltando mesmo é a revitalização da língua indígena nas comunidades guarani. Acredito que com a comunidade falando o seu idioma materno, a cultura guarani será mais fortalecida e respeitada, além de dar continuidade a uma língua de gerações passadas e reforçar a identidade e autoestima do povo guarani. Por isso a língua guarani não pode ser perdida, enfraquecida e nem esquecida. A língua nativa, falada pelos indígenas deixa uma comunidade mais forte e unida na sua identidade cultural e na luta por seus direitos territoriais e históricos.

Conforme as leituras dos estudos de Montserrat (2006), Maia (2006), Referencial Curricular Nacional para a Escolas Indígenas (BRASIL, 1998), Cunha (2008), Silva (2006), Meliá (1999) e Faustino (2006; 2011), feitas no PIBID Diversidade UEM e outros estudos feitos no decorrer deste TCC – Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, foi possível ampliar o conhecimento sobre o tema da revitalização linguística da língua guarani.

Foi necessário, também, ouvir o que os indígenas mais velhos, lideranças e professores pensam sobre a problemática do TCC, o que dizem sobre a perda, ou enfraquecimento da língua guarani e seu difícil processo de revitalização.

5. A necessidade de valorização e revitalização das línguas indígenas

A Constituição Brasileira de 1988 e a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional garantiram aos povos indígenas o direito de uso das línguas maternas. Na Constituição está garantido que:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à união demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. (BRASIL, 2009, p.141)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996), Art. 32 § 3º, que trata do ensino fundamental regular, garante que este será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

O Título VIII - Das Disposições Gerais Art. 78, define que o Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisas, para oferta de Educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos: I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências; II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

De acordo com essas, leis os Referenciais (BRASIL, 1998) e as Diretrizes Curriculares (BRASIL, 2014) para a educação escolar indígena, possibilitam às comunidades indígenas buscarem o fortalecimento de suas respectivas línguas por meio de ações mais direcionadas a revitalização linguística.

O direito a escolarização nas próprias línguas, a valorização de seus processos próprios de aprendizagem, a formação de professores da própria comunidade, a produção de materiais didáticos específicos, a valorização dos saberes e práticas tradicionais, além da autonomia pedagógica, são exemplos destes novos papéis e significados assumidos pela escola. (BRASIL, 2013, p.357)

Essa legislação possibilita às comunidades indígenas ações para o resgate de suas línguas e tradições, desta forma acreditamos que poderá impulsionar e contribuir com a discussão que vem sendo feita pelas comunidades sobre o problema da presente pesquisa, que é a dificuldade de resgatar a língua indígena guarani nas TIs do norte do Paraná.

As Diretrizes Para Política Nacional de Educação Escolar Indígena (BRASIL, 1994, p.9), foi elaborado para auxiliar na implantação de política que garanta o respeito aos povos indígenas.

Elaborado com base nos direitos constitucionais que os índios hoje possuem, este documento será instrumento essencial na implantação de uma política que garanta, ao mesmo tempo, o respeito à especificidade dos povos indígenas (frente aos não-índios) e à sua diversidade interna (linguística, cultural, histórica). (BRASIL, 1994, p. 9)

A educação escolar indígena é de responsabilidade estado.

A educação escolar indígena é responsabilidade do Estado. A descentralização da execução dos projetos, através dos Estados e municípios, com a supervisão e apoio do MEC, da FUNAI e das universidades, só será efetiva se as diretrizes deste documento forem assumidas por todos os agentes envolvidos. A formação de professores índios e a formação de quadros não-índios em nível local (nas Secretarias de Estado, nas administrações regionais da FUNAI e delegacias do MEC, nas Prefeituras etc.) é tarefa urgente e indispensável. (BRASIL, 1994, P.9)

Vários direitos são assegurados aos índios por meio da constituição, direitos que servirão para preservação da cultura e da língua.

A Constituição Brasileira reconhece aos índios o direito à diferença, isto é, à alteridade cultural, rompendo com a posição que sempre procurou incorporar e assimilar os índios à "Comunidade Nacional", e que os entendia como categoria étnica e social transitória, fadada ao desaparecimento certo. Com o texto constitucional em vigor, os índios deixam de ser considerados como espécie em vias de extinção, sendo-lhes reconhecida sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições. À União não mais caberá a incumbência de incorporá-los à comunhão nacional, mas de legislar sobre as populações indígenas, conforme o artigo 22 da Constituição, no intuito de protegê-las. (BRASIL, 1994, p.9)

Desde o momento da chegada dos colonizadores, ocorreram várias transformações com a população indígena, uma delas foi a extinção de várias etnias e culturas, diminuindo drasticamente o número de etnias presente até o dia de hoje.

Existem hoje no Brasil cerca de 200 sociedades indígenas diferentes, falando em torno de 180 línguas e dialetos e habitando centenas de aldeias situadas em vários estados da Federação. Remanescentes de um grande contingente populacional, cujas estimativas históricas indicam estar em torno de 6 milhões de indivíduos quando da chegada dos europeus no século XVI, as sociedades indígenas são portadoras de tradições culturais específicas e vivenciaram processos históricos distintos. Cada um desses povos é único, tem uma identidade própria, fundada na própria língua, no território habitado e explorado, nas crenças, costumes, história, organização social. (BRASIL, 1994, p.10)

A diferença que podemos notar entre os índios e não índios é a forma de se viver utilizando suas terras e na vida comunitárias, pois esses povos valorizam e respeitam muito os locais onde vivem.

[...] as sociedades indígenas compartilham um conjunto de elementos básicos que são comuns a todas elas e que as diferenciam da sociedade não-indígena. Assim, os povos indígenas têm formas próprias de ocupação de suas terras e de exploração dos recursos que nelas se encontram; têm formas próprias de vida comunitária; têm formas próprias de ensino e aprendizagem, baseadas na transmissão oral do saber coletivo e dos saberes de cada indivíduo. (BRASIL, 1994, p.10)

As escolas indígenas do norte do Paraná, buscam trabalhar questões ligadas a cultura, como forma de fortalecimento e da manutenção da língua e de conhecimentos historicamente produzido pelos indígenas.

As escolas indígenas, por conseguinte, deverão ser específicas e diferenciadas, ou seja, as características de cada escola, em cada comunidade, só poderão surgir do diálogo, do envolvimento e do compromisso dos respectivos grupos indígenas, como agentes e co-autores de todo o processo. (BRASIL, 1994, p.11)

Vários projetos estão sendo elaborados e trabalhados dentro das escolas indígenas, com o objetivo de recuperar conhecimentos quase perdidos pela

comunidade, com isso a escola deve buscar envolver toda a comunidade a qual pertence, para juntos fortalecer e revitalizar a língua e tradições.

A escola indígena tem como objetivo a conquista da autonomia socioeconômico-cultural de cada povo, contextualizada na recuperação de sua memória histórica, na reafirmação de sua identidade étnica, no estudo e valorização da própria língua e da própria ciência - sintetizada em seus etno-conhecimentos, bem como no acesso às informações e aos conhecimentos técnicos e científicos da sociedade majoritária e das demais sociedades, indígenas e não-indígenas. A escola indígena tem que ser parte do sistema de educação de cada povo, no qual, ao mesmo tempo em que se assegura e fortalece a tradição e o modo de ser indígena, fornecem-se os elementos para uma relação positiva com outras sociedades, a qual pressupõe por parte das sociedades indígenas o pleno domínio da sua realidade: a compreensão do processo histórico em que estão envolvidas, a percepção crítica dos valores e contra valores da sociedade envolvente, e a prática da autodeterminação. (BRASIL, 1994, p.12)

Os povos Guarani tem uma cultura própria e língua que preservam há séculos, tem conhecimentos milenares que são produzidos, reproduzidos, ressignificados, conforme as mudanças que se vão ocorrendo e vão repassando estes conhecimentos às novas gerações.

6. As comunidades indígenas Guarani do norte do Paraná

Conforme Faustino (2006, p. 196), Almeida e Mura (2003) mostram que quando da chegada dos europeus – portugueses e espanhóis no século XVI – os povos Guarani ocupavam extensa região litorânea que ia de Cananéia (SP) até o Rio Grande do Sul, vivendo no interior nas bacias dos rios Paraná, Uruguai e Paraguai. Da confluência dos rios Paraná e Paraguai organizavam-se em territórios na margem oriental deste último e nas duas margens do Paraná.

O Rio Tietê, ao norte, e o Paraguai, a oeste, demarcavam seus territórios. (Monteiro 1992, *apud* Faustino 2006, p.196) acrescenta que do Chaco até o Atlântico, das capitânicas do Sul até o rio da Prata, a presença Guarani abrangia, no século XVI, uma imensa área e que a maior parte das comunidades encontrava-se nas florestas tropicais e subtropicais, ao longo do litoral e entre os principais rios do sistema Paraná-Paraguai.

Com a colonização europeia houve uma acirrada disputa de mercantilistas com interesses econômicos de exploração nestes territórios. Tratava-se de região geopolítica estratégica para o comércio e exploração das riquezas minerais e naturais. Os povos Guarani foram sendo perseguidos, caçados, capturados para serem vendidos como escravos e seus territórios foram sendo tomados. Muitos fugiram, muitos morreram de doenças trazidas pelos europeus e os que sobreviveram lutaram para se manterem como indígenas, terem seu direito territorial respeitado e referenciar a memória dos ancestrais.

Após muitas lutas dos antepassados, algumas pequenas áreas foram demarcadas porém não atendem as necessidades de sobrevivência e sustentabilidade de todos os povos no Paraná. As Terras indígenas que fizeram parte da pesquisa se situam no norte do Paraná e são habitadas por uma grande maioria de indígenas Guarani Nhandewa.

Terra Indígena	Município	Situação Fundiária	Povo	População
Iwy Porã	Abatiá	Portaria Declaratória MJ	Guarani	138
Laranjinha	Santa Amélia	Homologada	Guarani	221
Pinhalzinho	Tomazina	Homologada	Guarani	155
São Jerônimo	São Jerônimo da Serra	Homologada	Guarani Kaingang Xetá	674
Total				1.188

FONTE: Governo do Paraná em 2012.

Conforme nossos conhecimentos adquiridos de nossas comunidades e com os mais velhos, os Guarani se organizam por meio *mborayu*, uma economia de trocas e reciprocidade. Meliá (1990) afirma que eles estabelecem amplas redes de comunicação e de trocas nos territórios que ocupam (intercambiam sementes, mudas, ideias, pensamentos, conhecimentos, músicas, estratégias políticas, informações etc.).

Segundo nossos antepassados, a sabedoria dos mais velhos e em pesquisas registradas por Mura (2004), a terra tem um sentido especial para os índios e, diferentemente de uma concepção ocidental capitalista, esta não pode ser considerada como parcela ou como propriedade cuja posse estaria nas mãos de um indivíduo ou conjunto destes. Na cosmovisão Guarani, somos nós que pertencemos à Terra, sendo a boa ação da comunidade o fator central para a conservação dos territórios.

Para nós, o povo guarani, a terra reduzida corresponde a um *tekoa*, enfraquecido. Para reforçar e manter o tekoa, são necessárias, então, profundas ações políticas e religiosas que compreendem consagrações, cantos e danças.

Atualmente, as comunidades estão desenvolvendo estas ações por meio também da escola, que é considerada uma instituição importante dentro das atuais formas de organização e lutas dos povos guarani.



Fonte: Mapa das terras indígenas no Paraná (PIESP/LAEE-UEM)

7. A educação escolar indígena guarani e seus projetos interculturais

Nas Terras Indígenas do norte do Paraná onde atuam professores e pedagogas indígenas, com apoio das lideranças e comunidades, vem sendo desenvolvidos vários projetos que buscam valorizar os conhecimentos dos mais velhos e dos *txamõi*, desenvolvendo pesquisas para contemplar esses conhecimentos na escola.

No Pinhalzinho a comunidade está desenvolvendo uma série de projetos interculturais de sustentabilidade e autonomia como o SAF – Sistema de Agroflorestas, com parcerias e relatado pelas lideranças em vários momentos de Mostras Culturais e pelo gestor da escola com a pedagoga, os profissionais técnicos indígenas e todos os professores envolvidos trabalhando no sentido de construir um currículo próprio em que os conhecimentos ancestrais estejam presentes, efetivamente, nas práticas escolares e nas aprendizagens das crianças.

Nas Terras Indígenas São Jerônimo, Laranjinha, Barão de Antonina, Pinhalzinho e Posto Velho, existem vários projetos de revitalização cultural em andamento e também a Ação Saberes Indígena na Escola (MEC/SECADI – Universidades) onde se busca o fortalecimento das línguas e artes verbais indígenas.

Além da questão linguística, busca-se os conhecimentos sobre a agricultura tradicional e a forma de cultivo da terra e das sementes tradicional da cultura indígena guarani, nesses projetos são feitas as discussões, os planejamentos e os alunos são levados até as residências dos mais velhos para que estes possam transmitir os conhecimentos e as suas experiências de como trabalhar sobre a terra e com estas sementes tradicional.

Para os mais velhos guarani é importante que ele transmita os conhecimentos em espaços não escolares como, a roça, a casa de reza, na floresta, em ambiente que eles se sentem mais à vontade, ou seja, que esteja em contado com as coisas naturais, onde possa estar de bem com a sua espiritualidade. Segundo os *txamõi*, a melhor escola para aprender sobre as culturas e tradições da etnia é a casa de reza, pois nesse local é onde se pode estar com a espiritualidade mais forte e dessa forma se aprende mais sobre sua própria cultura.

Desta forma, no caso dos guarani, o espaço da escola é restrito, e mesmo que ele leve seus instrumentos como o *mbaraká*, *petygwa*, *takwapy*, *kangwaa*, *djatsaa*, *araity*, e outros, eles precisam de um espaço mais amplo para mostrar na prática como esses instrumentos são utilizados nas situações do dia-dia do guarani.

Cabe aos professores indígenas e não-indígenas que conhecem a cultura, buscarem estratégias, para que esses encontros e trocas de experiência entre alunos e os mais velhos da comunidade seja feita da forma adequada para ter um bom aproveitamento e significado tanto para os alunos quanto para a comunidade.

É essencial que os professores, sejam eles indígenas ou não, consigam fazer uma relação entre os conhecimentos adquiridos com as experiências dos índios mais velhos com os conteúdos universais, ou seja trazer para o ensino das disciplinas escolares os conteúdos relacionados à cultura indígena, desta maneira a criança indígena aprende os conteúdos universais, sem deixar de lado os conhecimentos tradicionais guarani.

Em relação a língua guarani, esse contato com os mais velhos é fundamental, pois quando eles estão explicando sobre algo da cultura, por exemplo, alguma erva medicinal, primeiro eles falam o nome da planta na língua e depois traduzem para o nome conhecido por todos, dessa forma os alunos além de estarem aprendendo sobre a cultura eles também estão em contato com a língua materna, pois a língua não é falada por todos as famílias.

Há outras formas de ensinar a língua guarani. Foi relatado, por exemplo que alguns mais velhos, antigamente, quando ensinavam não gostavam de traduzir. Queriam que as crianças e os jovens aprendessem sem a tradução, ou seja, compreendendo a língua dentro de um contexto de significações.

Conforme o Projeto Político Pedagógico da escola Cacique Tudja Nhanderú

- A inclusão da Língua Guarani no currículo escolar tem a função de atribuir-lhe o status de língua plena e de colocá-la, pelo menos no cenário escolar, em pé de igualdade com a língua portuguesa, cumprindo assim, um direito previsto na pela Constituição Brasileira. (PPP, 2015, p.73)

- O ensino da língua indígena passa hoje por um longo processo de reafirmação alterado pela situação do bilinguismo confinado a uma área geograficamente delimitada onde estando numa posição de língua minoritária, às vezes dentro do próprio grupo considerando aqui o grau de aculturação, está sendo envolvida pela fala dominante segundo alguns autores a perda linguística que assistimos é parte de um processo que abrange o desaparecimento da diversidade cultural e intelectuais através do qual língua e culturais politicamente dominantes sobrepõem-se em detrimento as línguas indígenas locais fazendo-as desaparecer. (PPP, 2015, p.73)

Os *txamõi* e os sábios, mais velhos, tem conhecimento culturais, linguísticos e religiosos, que mesmo outros membros da etnia dominando a língua materna não conhecem, esses conhecimentos são pelo fato de ser o *txamõi*, isso tem a ver com a espiritualidade, e só outro *txamõi* pode entender o que significam. As vezes apenas seus guias espirituais podem se comunicar, sendo uma linguagem desconhecida pelo demais.

A partir desses conhecimentos transmitidos pela oralidade, em espaços específicos, os professores indígenas desenvolvem práticas pedagógicas interculturais respeitando espaços e conteúdos próprios da cultura guarani.

- Metodologicamente é importante trazer para a sala de aula textos com história contadas por índios mais velhos, letras de músicas, textos sobre medicina, culinárias e rituais indígenas porém a escassez de publicações de livro didático na língua guarani impõe a necessidade de negociar a discutir dados entre os índios mais velhos, professores bilíngues e seus alunos no sentido de promover uma interação educativa que produzira estímulos para formação de uma biblioteca com materiais escritos pela própria comunidade de apoio pedagógico para o professor indígena. (PPP, 2015, p.74)
- Ao trabalhar, tendo à frente esse desafio, há de se considerar o meio social dos falantes, as relações que eles têm entre si na sua própria cultura e a alfabetização que é feita na língua portuguesa por ser a primeira língua. Decorrentes dessas observações propõem um trabalho mais aprofundado com a escrita da língua guarani para que, ao menos, o aluno saiba enfrentar uma situação de leitura, salientando aqui que a expectativa de um modo geral dos alunos, como também da comunidade, está ligada a necessidade que o grupo sente em reforçar a condição de indígenas onde a utilização e conhecimento da língua de origem é considerado fundamental. (PPP, 2015, p.75)

Conforme o PPP

- Tendo em vista o português como primeira língua e o número reduzido de literatura em guarani, o material para leitura será produzido pela interação professor, aluno e comunidade possibilitando dessa forma o acesso e estudo de vários tipos de textos: os narrativos (mitos, lendas, histórias antigas e rituais do

povo), os informativos (notícias, tecnologia e medicina indígena) criando condições para que o aluno perceba a variedade e especificidade de cada texto, adquirindo condições para leitura e compreensão considerando tanto o texto oral como o escrito tornando o ato individual da leitura uma prática social. (PPP, 2015, p.75)

A Terra Indígena Pinhalzinho, na qual está localizada a escola Yvy Porã, conta até este ano de 2017 com um diretor, uma pedagoga, ambos indígenas, além de ter em seu quadro de professores 2 docentes indígenas. Nesta escola alguns projetos estão dando certo com a ajuda da comunidade que abraçaram a ideia do diretor e dos funcionários da escola.

Em um dos projetos importante para a escola e a comunidade, os alunos iam visitar os mais velhos, em busca de informação sobre a cultura, informações que apenas os mais velhos podiam passar, iam de casa em casa, as vezes ao aluno saiam para conhecer os marcos importantes da terra indígena, que eram explicados por alguma pessoa experiente, nesse projeto iam algumas lideranças para evitar alguns riscos para os alunos. Nestas saídas de campo o txamõi sempre acompanhava os alunos para explicar sobre cada coisa importante que fossem surgindo no caminho, como explicar algumas plantas medicinais, plantas que pode apresentar perigo para as pessoas, entre outras coisas, além de fazerem visitas na casa de reza.

Ao voltar para sala de aula, por intermédio dos professores os alunos desenvolviam trabalho sobre a aula de campo, sempre com a auxílio da professora de língua, escrevendo relatórios, textos, desenhando calendários, fazendo apresentações de forma que vão fazendo relações dos conhecimentos adquiridos na aula de campo com os conhecimentos que já trazem de suas experiências na família. No PPP da Escola se pode verificar que:

- A Língua falada fluentemente entre os índios é a Portuguesa, mas alguns jovens e os mais velhos, cerca de dez pessoas, ainda praticam na oralidade, dois dialetos Guarani, sendo estes o Nhandewa, o Mbya e o kaiowa; São estes que em conjunto com a escola lutam pela manutenção e revitalização da Língua Indígena, através das crianças e dos jovens. (PPP, 2014, p.04)
- A comunidade ainda preserva timidamente suas tradições culturais, como pescaria, utilização de remédios do mato, rituais sagrados, crisma, rezas e danças. Mesmo tendo sido construídas habitações de alvenaria, ainda preservam junto a essas, as de sapé, onde passam grande parte do tempo. (PPP, 2014, p.05)

- Quanto ao artesanato, existem famílias que confeccionam colares, pulseiras, cestos em miniaturas, animais de madeira em miniatura, flechas, entre outros enfeites, porém somente a partir de encomendas, com garantia de compra, devido à escassez de matéria-prima para a confecção dos mesmos, pois além de ser pouco rentável, o tempo gasto na confecção desses artesanatos interfere no trabalho para a sustentabilidade da família, tornando-se, assim, muito difícil a manutenção e a disseminação do artesanato para a geração futura [...] (PPP, 2014, p.05)
- A comunidade da Terra Indígena do Pinhalzinho espera que a Escola Indígena, seja realmente diferenciada e específica com as características da comunidade, para tanto se faz necessário metodologias diferenciadas cujo objetivo é a manutenção e a revitalização da cultura local, desenvolvendo atividades extraclasse com a participação efetiva dos membros da comunidade a fim de realizar a transmissão dos conhecimentos tradicionais além da segurança que os mesmos oferecem. (PPP, 2014, p.18)
- [...] na cultura indígena Guarani, a Arte está presente desde o nascimento até a morte do indivíduo indígena, pois se funde com a religiosidade em que espírito e corpo estarão sempre em sintonia, dispensando as separações materiais. Dentro dessa perspectiva, o estudo da disciplina de Arte, na escola indígena deverá contextualizar-se com a arte emanada da tradição Guarani. (PPP, 2014, p.24)
- O desenvolvimento de formas distintas de atuação nas escolas indígenas assumiu papel de destaque, nesse sentido, cumpre um papel essencial na formulação do sistema de formação dos alunos a disciplina de língua Guarani com o objetivo de realização da Língua, bem como, de permanência da identidade cultural. (PPP, 2014, p.29)
- [...] o estudo da língua guarani tem a finalidade de auxiliar na aprendizagem dos alunos, principalmente no que diz respeito à cultura e as tradições, vinculadas ao saber acumulado historicamente e dessa maneira possam estar sempre em contato com sua identidade ancestral, uma maneira de reforçar e manter a identidade indígena local. (PPP, 2014, p.30)
- Desta forma, o ensino da Língua Guarani para uma comunidade Guarani é de fundamental importância na garantia das especificidades de ensino da educação escolar indígena. (PPP, 2014, p.31)

Um dos projetos mais importantes para a comunidade da aldeia Pinhalzinho é o SAF (Sistema Agro Florestal) na qual são cultivadas plantas tradicionais da cultura indígena e alimentos orgânicos para uma boa alimentação dos alunos da escola, inserindo-os neste processo de aprendizagem no qual se pode relacionar a teoria com a prática. Esse projeto permite a produção de alimentos consumidos antes pelos mais velhos e que hoje quase não se utilizam mais, resgatando as alimentações saudáveis que eram praticadas pelos índios.

Permite, ainda, a reconstituição do solo com plantio sem uso de venenos. Em todos estes processos, os estudantes guarani tem a oportunidade de aprender sobre compostos químicos, ciências, biologia, língua portuguesa, história e todos os demais conhecimentos escolares que são abordados de

forma interdisciplinar e trabalhados com a participação e ensinamento dos sábios, juntamente com os professores das disciplinas.

A terra indígena São Jerônimo, possui duas escolas, porém uma teve que parar os trabalhos por falta de funcionários e migrar os alunos para a outra escola. Na escola que está funcionando há vários professores indígenas, a diferença dessa terra indígena para as outras é que ela possui três etnias diferentes vivendo em conjunto, são três línguas diferentes, na qual ao meu ponto de vista fica ainda mais difícil de buscar a revitalização das línguas. As etnias pertencentes à terra de São Jerônimo são: guarani, xetá e kaingang, com costumes, línguas, e tradições diferentes umas das outras.

Os alunos das três diferentes etnias ficam juntos de acordo com as séries as quais pertencem, só quando dá o sinal para a aula de língua indígena eles se separam, então os professores bilíngues passam nas salas pegam os alunos as aulas e os levam para uma sala onde será ministrado as aulas de língua materna de cada etnia.

A escola da terra indígena também conta com projetos a fim de resgatar a cultura guarani, um desses projetos é “Conhecendo a história do passado para colorir o presente”, na qual as crianças visitam e ouvem histórias dos mais velhos, depois levam para a escola, trabalham em cima das histórias, escrevendo sobre, em seguida elas fazem os desenhos e pintam, em seguida são escolhidos os melhores desenhos ilustrando as histórias para que seja transferido para a parede da escola.

Na terra indígena Posto Velho está localizada a escola Awa Tirope. A situação fundiária dessa Terra Indígena é muito complicada, pois os moradores dessa comunidade estão desde o ano de 2005 tentando retomar a terra que um dia já lhes pertenceu, porém já faz doze anos que eles estão assentados nesse local, e ainda não houve a demarcação. A comunidade representa um povo que tenta preservar a cultura e resgatar a língua materna da etnia. A escola Awa Tirope conta com professores indígenas e não indígenas, que tentam revitalizar alguns costumes e tradições que ao longo do tempo foram sendo deixados de lado por essa população em contato com o não índio.

Nas entrevistas realizadas foram entrevistados professores, lideranças e pessoas mais velhas, consideradas sábias. Em comum acordo, foi definido que

não seria colocado os nomes das pessoas, apenas uma denominação de Professor, com números sequenciais.

Na entrevista buscou-se saber qual a importância da língua para a comunidade, como são desenvolvidos os projetos e cursos que visem à revitalização da língua guarani nas comunidades e quais as dificuldades enfrentadas pelas aldeias na revitalização da língua materna.

Conforme o professor bilíngue Claudinei a aula de língua guarani é iniciada com conversas a partir do que a criança já conhece como o nome próprio, denominação dos parentes e questões do dia-dia.

Para a cultura guarani o nome próprio é muito importante, porque está relacionado com Nhanderú e é recebido pela criança por meio do Txamõi na cerimônia do Nimongarái. Desta forma quando o professor indígena trabalha em sala de aula o nome próprio da criança guarani, o objetivo dele não é apenas ensinar letras e sílabas, mas sim todos os significados que um nome próprio guarani contém.

A metodologia de ensino contempla visita aos rios, matas para mostrar as plantas, coletar materiais como argila para o trabalho relacionado a cultura em sala de aula, artesanatos, enfeites e artefatos religiosos.

Na cultura guarani a floresta e a terra tem um significado muito grande na vida de todos, pois acredita-se que Nhanderú está presente em tudo, pois é na terra, na mata, que os indígenas buscam força para continuar forte nas suas lutas diárias, e é nesses lugares que o *txamõi* purifica seu corpo para estar forte durante os rituais na casa de reza.

Para que haja uma revitalização da língua guarani, é preciso que haja uma política de revitalização junto a participação da comunidade e liderança, ou então um planejamento específico dentro do Projeto Político Pedagógico.

A participação de todos os moradores da comunidade é muito importante para que haja mais incentivo aos alunos não só no ambiente escolar, mais também em casa com os familiares. E sempre os lideranças e pais avaliando os resultados junto aos professores procurando caminhos para que possa ter um ótimo resultado.

Segundo o Professor Claudinei, os materiais didáticos que são melhores para a aprendizagem das crianças são os jogos e o artesanato, pois percebe

que nas aulas de língua guarani as crianças demonstram maior interesse por meio desses recursos.

Em relação à formação continuada dos professores indígenas, o professor informou que sempre participa, mais não como era antes. Afirma que houve tempo em que ficavam mais em curso de formação do que na escola, agora o governo não tem possibilitado mais. Informa que esses dias foram em duas formações bem interessantes, mais está muito difícil, pois não tem mais nenhuma ajuda, antes tinha bolsa pra tudo. Em algumas formações de agora se não tiver dinheiro fica o dia inteiro com fome durante as formações e cursos.

O professor Claudinei nos afirma que uma coisa bem interessante hoje, são os acadêmicos indígenas na questão da revitalização da língua, para ajudar os professores, dependendo da área, o incentivo vem de fora, raça, força acadêmica, sendo importante levar a formação para dentro das áreas guarani, por parte de vocês (universitários) que devem incentivar suas comunidades, os alunos, principalmente quem tem pai *txamõĩ* e mãe *djaráĩ*

Formação inicial e continuada dos professores de língua guarani

Almir Silvio Marcolino, participa do programa Saberes Indígenas na Escola

Carlos Cabreira, tem Magistério pelo Protocolo Guarani e participa como pesquisador no projeto de formação para professores indígenas, Saberes Indígenas na Escola, coordenado pela UEM

Claudinei Ribeiro Alves, tem Magistério pelo Protocolo Guarani, participa de cursos de formação da CADEIMP, do programa Saberes Indígenas na Escola e é universitário EaD em Letras

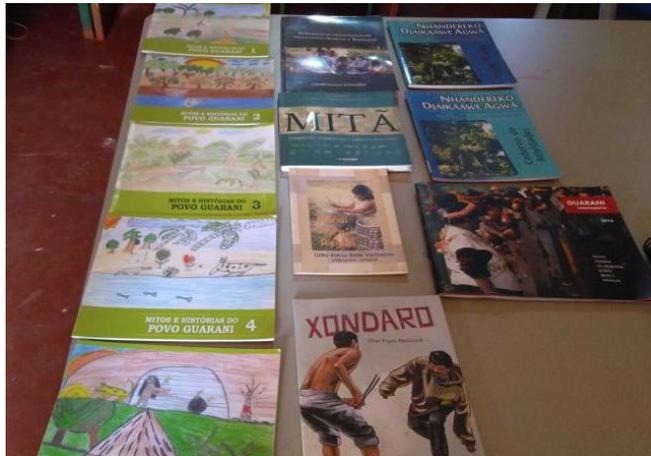
Elionai Valmir Ferreira da Silva, participa da CADEIMP, cursos da UEL e Saberes Indígenas na Escola sob a orientação de Rosilda Camargo

Irismar dos Santos, graduanda pela EaD em pedagogia, participa do PENAIC, que os professores não indígenas também participam, e os materiais que recebem sofre uma adaptação para a cultura indígena e do Saberes Indígenas na Escola

Júlio Cezar Camargo, participa do programa Saberes Indígenas na Escola

Silvana Mimbi Veríssimo, graduanda em pedagogia pela UENP, magistério indígena específico para professores guarani no Paraná. Participa da CADEINP e dos Saberes Indígenas na Escola

Materiais Didáticos bilíngues disponíveis na escola indígena Posto Velho



Livros recebidos da Secretaria de Educação e de projetos. T.I Posto Velho



Materiais produzidos pelos professores guarani. T.I. Posto Velho



Materiais produzidos pelos professores guarani. T.I. Posto Velho



Materiais produzidos por professores e estudantes guarani. T.I. Posto Velho



Materiais produzidos por professores e estudantes guarani. T.I. Posto Velho



Materiais produzidos por professores e estudantes guarani. T. I Posto Velho

8. A religião guarani e a língua materna: a casa de reza como espaço de aprendizagem

Na cultura guarani, uma das coisas mais importantes é a religião tradicional pois é por meio dela que se aprende todas as coisas e os txamõi são os transmissores destas sabedorias junto às suas comunidades.

Na *Oy Guatsu*, casa de reza, a comunidade se reúne e pratica a religião tradicional, faz as cerimônias de batismo e consagração e onde se fortalece a língua guarani.

Neste sentido, a entrevista abaixo será transcrita em sua íntegra, pois foi realizada com um importante *txamõi* da região norte do Paraná, senhor José da Silva, conhecido também como José Guarani.

Em relação à língua, começamos perguntando

Com quantos anos aprendeu a falar na língua indígena guarani?

Desde o começo, desde criancinha, do berço.

Quais línguas o Sr.º sabe falar?

Guarani nhandewa, mbya, kaiowa e o Guarani do Paraguai

Qual a importância da casa de reza na revitalização da língua guarani?

É importante para ensinar a falar, desde a cultura, da casa de reza, na qual se inicia com aquela criança que está aprendendo a falar para trabalhar a língua indígena na casa de reza, todas as aldeias podiam ter a casa de reza, igual a escola da aldeia Pinhalzinho que é ligado a casa grande, e o professor tem que explicar para as crianças o que significa, por exemplo os instrumentos, takwa, (bambu) mbaraka (chocalho), os enfeites da casa de reza, não só passar no quadro.

A criança tem que ser ligada na casa grande, e não o professor não índio trazer para casa grande, ou seja o professor que quer ensinar seus alunos tem que vir para a casa de reza e depois tem que sair da casa grande e levar pra escola tudo o que aprendeu e manter a linguagem sempre naqueles lugares que

tem txamõi para que preserve a cultura, ou seja ensinar aquelas pessoas que vai lá, mas principalmente as crianças porque as crianças compreendem tudo o que é conversado com elas, pois a casa grande pode mudar as ideias não somente das crianças mas dos adultos também por meio da reza.

Como o Sr.º vê a participação da comunidade na revitalização da língua guarani?

A cultura na aldeia Pinhalzinho ainda não está correta, mas com os trabalhos feitos, as crianças estão bem adiantadas, já saiu reportagem da cultura indígena do Pinhalzinho em outro país. Os pais quase não participam do processo da revitalização da cultura e da língua, tem alguns professores não índios que sabem falar algumas coisas na língua e ajudam no processo da revitalização da língua na escola.

Porque o Sr.º acha que a língua guarani quase se acabou?

A língua guarani, a cultura indígena, a igreja, se acabou por causa da religião evangélica, pois em quase toda aldeia tem uma igreja, tem a questão daquele índio puro que deixa sua cultura de lado para seguir essa igreja, mas isso se dá por meio de várias coisas materiais que dão para aqueles que irão frequentar sua igreja. As outras religiões enganam o índio com presentes como roupa, alimentos e outras coisas, se não tiver a ideia firme, ele larga a cultura que é bom pra ele e segue a outra do não índio.

Porque o Sr.º acha que está difícil de revitalizar a língua indígena guarani?

Eu acho que tem que fazer uma escola onde tem txamõi, para ensinar a linguagem e conversar com as crianças na língua, ensinar porque que é bom a cultura, daí um passa para o outro, pois se falar só na língua do não índio a língua indígena vai se enfraquecendo mais.

Para manter a linguagem, tem que ter uma escola de txamõi, daí começa o ensino pelas partes do corpo, dedo, unha, mão, braço, boca, nariz, olho, tudo

na linguagem, e o professor deve falar na língua quando estiver no meio de outras pessoas.

Quando tem um ritual na casa de reza, qual é a participação da comunidade?

O povo da comunidade quase não vai.

Hoje na comunidade indígena, é forte a presença de outras religiões, porque o Sr.º acha que vários membros da comunidade deixaram de seguir a religião indígena e passaram a seguir outras religiões?

Tem muito índio que passa para a religião do não índio, porque foi enganado, mais é muito difícil de o índio seguir essa religião, eu acredito que ele ainda vai voltar para a religião guarani.

Esposa do txamõi: *eu penso que é porque a casa de reza é simples, não tem nada que tem em outras religiões, como banco bonito, luz, instrumentos para tocar, é uma casa simples, mas a gente está ali, forte no coração da casa grande, porque se deixar nossa cultura para seguir outra é errado. Tem que manter a cultura, porque o que minha mãe deixou da cultura para mim, eu estou seguindo, ela gostava muito da cultura e nunca deixou de seguir essa cultura. E não tem como levar roupa na casa de reza e ir entregando, para as pessoas poder ir na casa de reza, eu acho que não é assim, a pessoa tem que dizer, eu vou na casa de reza porque lá é minha cultura, eu vou de coração, e lá todo mundo é alegre, desde criança, as portas estão abertas para quem quiser ir, ninguém é obrigado a ir, vai quem quer ir de coração aberto, não adiante ir por ir e ir de coração fechado com raiva, tem que ir por vontade.*

Muitos não índio querem saber o que é o índio, de onde vieram? Nossa reza, nossa cultura, nossa vida, o *txerú* fez junto com a natureza, junto com o mato, por isso que nós falamos que somos do mato, a reza gerou com a natureza, é uma crença que nossa identidade de guarani, não gosta muito de barulho de rádio, televisão, ele gosta do mato, vai e escuta os pássaros, vento, cachoeira, é assim a vida do índio e do *txamõi*.

É importante fazer filme tirar fotos sobre a cultura indígena e passar na escola, ou mandar para outras aldeias, o que não pode e fazer filme e ganhar dinheiro com isso, principalmente se tratando da religião indígena.

No Laranjinha eu vi muitas coisas, ainda era vivo o Firmino, o Tudja (Joaquim caçador) eu vi acontecer muitas coisas, existia uma menina de mais ou menos dez ou onze anos com enfermidade, e levam para todos os lugares para curá-la, mais não achavam nada de doença, daí conversaram com os rezadores e mandaram trazer para a casa de reza, trouxeram três dias seguidos e no quarto dia fizeram a maior reunião na casa grande, chamaram todos da comunidade, todos vieram. Naquele tempo não existia nenhuma outra igreja dentro da comunidade, era só a casa de reza mesmo, então eu vi o *Tudja* rezando, e daí a menina veio e colocaram ela no meio da turma que estavam rezando, e os rezadores a seguravam, tinha duas filas, uma dos rezadores e outra com as pessoas que estavam acompanhando a reza e era mais grande, então um rezador tirou da barriga da menina um coró que dá no pau e mostrou para todo mundo ver. O coró estava chupando o sangue da barrida da menina, mantando ela, então ele mostrou para as crianças ver, enquanto o coró se mexia na mão do *txamõi tudja*, aquilo eu vi, quando o *txamõi* tirou na reza.

Eu ainda vi outro acontecimento, uma menina já mais grandinha que também tinha problema e foi operada pelo *txamõi*. Mandaram juntar todos em um terreirão, e minha mãe mandou eu ir também, *txeru djupi* perguntou o porquê estão rezando bastante e os rezadores falaram na linguagem o que queriam, pois queria que ele realizasse essa operação, então na hora não opera ainda depois de dois ou três dias que trouxeram a ferramenta e aí ela traz um macaquinho e a sua onça.

Tem que ter um lugar para amarrar seus animais porque é perigoso não pode ter crianças ali perto, naquele dia tinha muitas crianças na reza e avisaram que não era para elas se espalharem, mas somente um rezador ficou segurando a onça, se ouviam o barulho das ferramentas operando a moça, e depois que foi operada, vários *txamõi* segurava ela, depois que acabaram de operar ela, benzeram e fecharam a operação, em seguida ela foi benzida, disseram a sua mãe que daqui dois dias ela ia virar do avesso ou seja ela ia ficar bem. Depois de tudo isso *txeru djupi* lá por umas 3 ou 4 horas ele avisou que iria embora de novo e ele suspendeu seus animais que estavam ali com ele, a também as suas ferramentas. Se fosse fazer isso hoje em dia, o *txamõi* que for fazer sofre e quem tiver ali também sofre.

Aquela época tinha bastante rezador e rezadora, eu estava perto da minha mãe e o *txeru djupi* mandou que me levasse perto dele, minha mãe conversou com ele na língua indígena, que saía sangue do meu nariz, não podia tomar sol, daí ele falou pra mim, para lavar a cabeça com warypire (água com cedro) então os *txamõi* disseram que eu iria ficar no lugar deles e que eu iria cumprir a missão deles, então as vezes fico pensando, porque será que deixaram eu no lugar deles, porque eles iam fechar os olhos, e eu ia ficar no lugar deles, então eles falaram pra minha mãe, nós vamos dar toda a força que nós temos pra ele e disseram que a fonte da nossa vida está na mão de *txerú* e até agora eu estou cumprindo a missão que eles me deram.

Em qualquer terra indígena, se tiver casa de reza, eu acho que deve segurar bastante a cultura e a reza do guarani, porque outras religiões não são nossas, e nossa crença é a casa de reza.

Então alguns que se interessam mais igual a vocês, a gente pode explicar até vocês entenderem bem, sobre remédio do mato para que que é bom, levar caderno, gravar, tirar foto do pé da planta, pois daí quando o mais velho morrer já tem outras pessoas que já aprenderam bem.

O Sr.º acredita que ainda pode chegar um tempo em que todos da comunidade vão voltar a falar na língua guarani?

Eu acho que é difícil, mais ensinando as crianças pode voltar a acontecer, mais deve ser praticada a fala desde criancinha, com palavras usadas no dia-dia.

Nós *txamõi* depois que pega reza, não podemos mais bater na criança, tem que sentar e conversar, que daí a criança entende, as vezes tem a criança mais grande que é mais arteira, então tem que explicar o pode acontecer com cada ato dele, mostrando o amor pela vida da criança.

Para o professor Claudinei Alves, do Posto Velho, grande conhecedor da cultura e língua guarani, a dificuldade em trabalhar a língua guarani é a falta de materiais pedagógicos, falta de *txamõi* e *djaraí*, que fazem muita falta pois são eles que tem esse conhecimento de religiosidade e das histórias, eu conheço a cultura, religiosidade guarani, só que para os mais novos eu sou novo para eles,

daí eles pensam, será que ele está falando a verdade ou está inventando história?

A aldeia Posto Velho não tem *txamõi*, quem está vindo suprir essa falta é o *txamõi* da aldeia Pinhalzinho. Mais ele também já está enfermo e fica difícil. Eles gostam de ficar muito na casa de reza (os *txamõi*) a gente conhece essas partes da religiosidade, mais a gente tem escola para cuidar, vire e mexe estamos na frente da televisão. São coisas que o *txamõi* não faz, ele está sempre muito concentrado. A gente sabe, mas a gente não cumpre essa disciplina religiosa, pois não pode jantar para ir na reza do *txamõi*, eles estão ali e estão fortalecidos, isso é muito perigoso passar mal

Acredito muito que sim, pode ser resgatada a língua para todos possam ser falantes, mas para isso tem que ser feito uma política entre conceito, uma política linguística de fortalecimento, e a prioridade é o oral, tem que ser um ambiente que fala o guarani, que se conversa, ter um *txamõi* e uma *djaraí* que falam, a família e os pais procurarem incentivar, pois se não a criança aprende na escola, chega em casa ninguém fala nada, as vezes até a pessoa sabe falar mas não fala.

No magistério foi discutido a questão da língua, na qual a professora disse que deveriam criar uma forma de fortalecer a língua materna, pois ela disse “você levanta a televisão fala português, o rádio fala o Português, os livros são escritos em português, daí vai pra escola e a língua guarani é bem pouquinho, meia hora ou uma hora para o professor ensinar a língua e o resto é o Português, então o forte é a oralidade, se tiver uns três ou quatro que falem com as crianças, elas vão absorvendo melhor.

O professor tem que fazer replanejamento, o caminho que não deu certo, tem que criar outro, a avaliação tem que vir por parte da comunidade, e a comunidade não faz essa avaliação, se está dando certo ou não o que o professor está fazendo, podendo sugerir caminho, se não o professor fica muito tempo na sala de aula trabalhando a língua e ninguém vai aprender nada.

Tem que ser construído uma proposta curricular mais voltado para a língua guarani, porque hoje se alfabetiza no português, e o professor bilíngue só entra com meia hora ou um pouco a mais para trabalhar o guarani, o tempo é curto e fica difícil, é diferente de ir na casa de reza, pois na casa de reza o *txamõi* reza em guarani fala em guarani e aprende as duas linguagem, que são a

sagrada e a formal, e muitas vezes o professor não tem a preparação para ir na casa de reza, pois não pode pegar as crianças e levar de qualquer jeito por ser um local muito sagrado, a não ser que seja um professor que segue ao pé da risca a religião guarani,

9. Considerações finais

Neste Trabalho de Conclusão de Curso busquei pesquisar sobre a importância da língua guarani para as terras indígenas do norte do Paraná, mostrando um pouco do histórico destas aldeias e o porquê do enfraquecimento da língua, bem como a organização e luta das lideranças, comunidades e dos professores que atuam nas escolas indígenas em revitalizá-la, devido sua importância para o fortalecimento da cultura guarani.

Elementos que tanto motivam um estudante do curso de Pedagogia proveniente desta etnia a realizar esta pesquisa, como também reforça a necessidade de questionar e investigar as causas que resultam na falta do aprendizado da língua guarani e os impactos que isso pode ocasionar na identidade de jovens e crianças guarani.

Essa pesquisa me ajudou a conhecer melhor os direitos indígenas a uma educação bilíngue e diferenciada e poderá me auxiliar no momento em que eu assumir a função de professor em minha comunidade e atuar em sala de aula com os alunos indígenas, local onde pretendo trabalhar com minha formação. Sabendo os motivos da perda da língua e os motivos que fazem com que os alunos indígenas tenham dificuldade em aprender a falar a língua de seu povo, poderei trabalhar em conjunto com o professor de língua guarani, para que haja um maior aproveitamento, aprendizagem e uso da língua guarani em diferentes espaços tanto das aldeias guarani como em outros espaços que se fazem importantes para os indígenas hoje.

Pretendo, ao trabalhar como pedagogo indígena ou professor do ensino fundamental, fazer um projeto de resgate da língua materna para desenvolver junto aos pais, comunidade e aos jovens, com o objetivo de maior aprendizagem e preservação da cultura mostrando a importância de se usar a língua guarani materna na comunidade, em suas formas oral e escrita.

Na área da Pedagogia se fala muito em letramento, ou seja, é a discussão sobre o uso social da língua escrita, e isso também pode ser discutido com as lideranças e os sábios mais velhos, avaliado a viabilidade de se inserir a língua guarani em diferentes formas de letramento.

10. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena**. Comitê de Educação Escolar Indígena. MEC/SEF/DPEF. Brasília, 1994. 24p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição Federal da República Federativa do Brasil**. Ed. Brasília, DF: Senado, 2004.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei n. 9.394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 15

BURATO, L. G. Educação Escolar Indígena na legislação atual. In: _____ (Org.). **Intervenções pedagógicas na educação escolar indígena: contribuições da teoria histórico cultural**. Maringá: Eduem, 2008. p.57-73.

FAUSTINO, R. C. **Política Educacional nos anos de 1990: o multiculturalismo e a interculturalidade na educação escolar indígena**. 2006. 329 f. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006

FAUSTINO, Rosangela Célia. **Os processos educativos no Brasil e seus projetos para a civilização e inclusão indígena**. Maringá: Eduem, 2011.

FAUSTINO, Rosangela Célia. Educação e Religião Guarani no Paraná: Estudo a Partir do Ritual Nimongarai. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa. UEPG.2012. p.239-263

MAIA, Marcus. A Revitalização de Língua Indígena e seus Desafios para a Educação intercultural. **Revista Tellus**. V. 6, n. 11. Campo Grande. 2006.

MAIA, Marcus. **Manual de linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem**. Brasil/MEC/SECAD – Museu Nacional-RJ, 2006.

MELIÀ, Bartomeu. Educação Indígena na Escola. **Caderno Cedes**. vol.19, n.49, p.11-17.1999.

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini. Política e planejamento linguístico nas sociedades Indígenas do Brasil hoje: o espaço e o futuro das línguas indígenas. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. (Org.). **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, alfabetização e Diversidade, 2006, p. 131-154.

Proposta Política Pedagógica Escola Estadual Indígena Yvy Porã – Educação Infantil e Ensino Fundamental. Tomazina, 2014.

Proposta Política Pedagógica Escola Estadual Indígena Cacique Tudja Nhanderu – educação infantil e ensino fundamental anos iniciais. Santa Amélia, 2015.

Proposta Política Pedagógica Escola Estadual Arai Wera – Educação Infantil e Ensino Fundamental. Cornélio Procópio, 2010.

Proposta Política Pedagógica Colégio Estadual Indígena Cacique Koféj- Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. São Jerônimo da Serra, 2014.